



De átomos e memórias: *Il sistema periodico*, de Primo Levi

Atoms and Memories: *Il Sistema Periodico* by Primo Levi

Claudia Maia*

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) | Belo Horizonte, Brasil

maiaclaudia@gmail.com

Resumo: Este artigo pretende analisar como se opera a relação entre literatura e ciência em *Il sistema periodico*, do escritor e químico italiano Primo Levi. Além de ser um apanhado de elementos químicos, que se vale do modelo da tabela periódica de Mendeleev como moldura, o livro apresenta-se, também, como uma coleção de relatos da vida do escritor, uma enciclopédia íntima e aparentemente despreziosa. Contudo, diferentemente da aspiração que moveu muitos dos enciclopedistas, o narrador de Levi não pretende alcançar a totalidade; o verbete, tão explorado na obra, não faz mais que confirmar o caráter lacunar e residual de suas memórias.

Palavras-chave: Ciência. Literatura. Primo Levi.

Abstract: This article aims at investigating how the relation between literature and science in *Il sistema periodico* by the Italian Jewish chemist and writer Primo Levi. In addition to being an overview of chemical elements, using Mendeleev's periodic table template as a frame, this book is also a short story collection of the writer's life, an intimate and seemingly unpretentious encyclopedia. However, unlike the aspiration that moved many of the encyclopedists, Levi's narrator does not intend to reach the totality; the entry, so explored in his work, just confirms the lacunar and residual character of his memories.

Keywords: Science. Literature. Primo Levi.

[...] o melhor que espero ainda é outra coisa, e deve ser buscado nos ângulos, nas vertentes em sombra, no grande número de efeitos involuntários que o sistema mais calculado carrega consigo, sem saber que talvez ali mais que em qualquer outro lugar está sua verdade. Hoje a utopia que busco não é mais sólida do

* Doutora em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais e Professora no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).



*que gasosa: é uma utopia pulverizada,
corpúscular, suspensa.*

(Italo Calvino)

O sistema periódico de Dmitri Ivanovich Mendeleev, proposto em 1869, dispõe sistematicamente os elementos químicos segundo suas propriedades. Uma tabela colorida, em que cada cor corresponde a um grupo de elementos organizado pelo seu número atômico, permite, por exemplo, prever o comportamento de átomos e das moléculas que deles se forma, ou entender o porquê de certos átomos serem extremamente reativos enquanto outros são praticamente inertes. Não foi a primeira tentativa de ordenar os elementos químicos em um sistema; seu sucesso se deu porque Mendeleev decidiu deixar lacunas na tabela quando parecia que o elemento correspondente ainda não tinha sido descoberto e predizer as propriedades desses elementos que faltavam. Além disso, ele ignorou a ordem sugerida pelos pesos atômicos e alternou elementos para melhor ordená-los em famílias químicas.

Assim como Mendeleev procurou dar ordem ao caos de átomos que formam o Universo, também Levi, grande conhecedor da química e admirador do cientista russo, em seu *O sistema periódico*, trabalhou por organizar suas lembranças e torná-las, quem sabe, compreensíveis. Se no primeiro, contudo, a lacuna representou a antevisão de descobertas futuras, no segundo, confirma a condição essencial da memória e da escrita: o esquecimento. Dos 118 elementos dispostos na tabela periódica, Levi escolheu 21 e os dispôs segundo uma organização que diz muito de sua formação como homem, químico e escritor judeu. Cada capítulo do livro tem como título o nome de um desses elementos, que operam, em sua maioria, como metáforas das observações do escritor sobre as pessoas com quem conviveu e suas experiências como químico. Em alguns capítulos, o elemento passa de metáfora a personagem, ganhando uma importância maior na narrativa.

Em texto sobre outra coletânea de Levi, *L'altrui mestiere*, de 1985, Italo Calvino exalta a veia enciclopedista de seu conterrâneo, sua "curiosidade ágil e minuciosa" e "uma moral que parte sempre da observação".¹ Considerado por Calvino o livro mais "primoleviano" de todos, *O sistema periódico* conjuga o rigor mental de homem da ciência e a sensibilidade de literato que marcara o químico desde jovem. Levi observa o humano assim como observa a matéria; a comparação é feita por ele mesmo, em seu texto "Ex chimico":

O hábito de penetrar a matéria, de querer conhecer sua composição e estrutura, de prever sua propriedade e seu comportamento, conduz a um *insight*, a um hábito mental de

¹ CALVINO, 2007a, p. 1138.



concretude e de concisão, ao desejo constante de não parar na superfície das coisas. A química é a arte de separar, pesar e distinguir: três exercícios úteis também a quem se propõe a descrever fatos ou a dar corpo à própria fantasia.²

No primeiro livro de Levi, *É isto um homem?*, que narra a vida no campo de concentração, já se percebe essa exploração da matéria, no caso, o homem, tanto o inimigo, responsável por “vigiar e punir” os prisioneiros, quanto estes, que chegam em um estado que, aos olhos do escritor, não se pode chamar de homem. Em *O sistema periódico*, a arte de “separar, pesar e distinguir” se estende a um campo bem maior: à família, à universidade, aos amigos. Aqui o sistema químico de Mendeleev se encontra com o espírito de colecionador e a veia enciclopedista do escritor, conjugando a concisão da ciência e a profusão do conhecimento enciclopédico.

“Árgon”, o primeiro capítulo, trata dos antepassados judaicos do narrador, que chegaram à Itália no século 16 e sempre viveram ali como “gases inertes, nobres e raros”. O capítulo central, que divide a obra em duas partes, denomina-se “Cério” e trata da experiência em Auschwitz. Em cada uma das partes, há dois capítulos ficcionais. “Carbono”, o capítulo final, narra a trajetória de um átomo de carbono. Esse esquema, que funciona como uma espécie de moldura, representa o desejo do escritor de ordenar os fatos que se propõe a contar, assim como fez Mendeleev com a diversidade dos elementos do Universo. Em ambos, o esquema, contudo, não compromete a riqueza da matéria observada; antes, confirma a impossibilidade de ordenação completa do mundo e da vida, seja por parte da química ou da literatura.

Conforme afirma Olga Pombo em “O projecto enciclopedista” (2006), em sua forma moderna, em língua francesa, a palavra “enciclopédia” aparece pela primeira vez em *Pantagruel*, de Rabelais.³ Etimologicamente, o termo latino *encyclopaedia*, derivado do grego *eu-kuklios paideia*, designa o círculo perfeito do conhecimento ou da educação, o ciclo completo da aprendizagem. Se na Grécia clássica a prática de compilar o conhecimento produzido teve, em Aristóteles e, sobretudo, em Speusippo, um intuito educativo, de “natureza compendial”, a fim de oferecer um material de ensino, o enciclopedismo romano preocupou-se em garantir a sobrevivência do patrimônio de uma época que estava por chegar ao fim. O propósito de exaurir todo o conhecimento disponível – essa ingênua pretensão – marcará a prática enciclopédica até a Idade Média; o enciclopedismo pós-medieval, conforme registrou Pombo, “dificilmente escapará à consciência aguda da sua natureza enquanto

² LEVI, 2015, p. 13.

³ “Referindo-se à competência universal do seu mestre Pantagruel, Panurge afirma a dado passo: ‘En quoy je vous puisse asseurer qu’il m’a ouvert le vrais pays et abisme de encyclopedie’” (POMBO, 2006, p. 191, nota 2).



produção sempre precária, sempre inacabada, historicamente situada e condenada ao movimento voraz do crescimento dos conhecimentos”.⁴

Na era moderna, portanto, “a enciclopédia vê-se obrigada a conjugar a sua pretensão de exaustividade com uma exigência de selectividade”.⁵ De importância incomparável é o célebre projeto da *Encyclopédie*, editada por Diderot e D’Alembert e que contou com a participação de vários colaboradores. Em relação aos empreendimentos anteriores, este pretendia criar um inventário que fosse sistematizado, ou seja, concebido a partir de uma ordenação, com o propósito de representar a unidade das ciências e a articulação dos saberes, segundo informa o Discurso Preliminar escrito por D’Alembert. Contudo, a intenção de concentrar o saber de todos os livros num único discurso, com ou sem uma sistematização, em qualquer época que seja, revelou-se uma ilusão.

Em *Seis propostas para o próximo milênio*, livro que reúne as cinco conferências elaboradas por Italo Calvino para as Charles Eliot Norton Poetry Lectures,⁶ o escritor, ao eleger a multiplicidade como um dos valores literários que merecem ser preservados no curso do novo milênio, trata o romance contemporâneo como “enciclopédia, como método de conhecimento e principalmente como rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo”.⁷ Essa pretensão de representar a multiplicidade das relações, segundo Calvino, não é exclusiva do século XX; é possível encontrá-la muito antes, por exemplo, nos poemas enciclopédicos de Ovídio e Lucrecio,⁸ que representaram cada um à sua maneira “as infinitas relações de tudo com tudo”. O que caracterizaria a literatura contemporânea nesse sentido seria a intensidade com que se ocupou dessa “antiga ambição”,⁹ a ponto de impregnar-se dela; mais que isso, uma tendência a problematizá-la e submetê-la à crítica.

Ao escolher o sistema periódico e o modelo enciclopédico como estruturas de sua narrativa, Levi acaba por salientar o status fragmentário das histórias que deseja contar, corroborando a argumentação de Calvino em texto acerca de outra antologia de Levi, *La ricerca delle radici*, de 1981:

⁴ POMBO, 2006, p. 181.

⁵ POMBO, 2006, p. 181.

⁶ Ciclo de seis conferências apresentadas ao longo de um ano acadêmico na Universidade de Harvard, em Cambridge. Calvino apresentaria suas conferências no ano letivo de 1985-1986, mas morreu antes de escrever a sexta e pronunciá-las em Harvard.

⁷ CALVINO, 1990, p. 121.

⁸ Respectivamente, *Metamorfoses* e *De rerum natura*, poemas que ilustram a conferência sobre a leveza e que Calvino retoma no texto sobre a multiplicidade.

⁹ CALVINO, 1990, p. 127.



Sobre essa tentação enciclopédica, aliás sobre o termo ‘enciclopédia’, é necessário que fique bem claro. Em outras épocas o termo ‘enciclopédia’ designou a confiança em um sistema global que incluísse num único discurso todos os aspectos do saber. Hoje esse sistema não existe; no lugar do círculo a que a etimologia do vocábulo ‘enciclopédia’ remete há um vórtice de fragmentos e pedaços. A obstinação enciclopédica corresponde à necessidade de manter juntas, em um equilíbrio continuamente posto em dúvida, as aquisições heterogêneas e centrífugas que constituem o tesouro da nossa duvidosa sabedoria.¹⁰

Em *O sistema periódico*, o vórtice de fragmentos se movimenta a partir do trabalho que o escritor empreende com a memória, que não se apresenta no livro como um círculo completo; ao contrário, as histórias narradas, transpostas ao livro, não perdem seu caráter de pedaço, de resto. Sem pretensão de completude, o narrador “empreende a luta contra a dispersão”, exatamente como o colecionador de Walter Benjamin.¹¹ O resto pode ser tanto um sinal de desmoronamento, destruição e fim, quanto o que há de mais verdadeiro nas coisas e no homem. Levi, em seu livro-sistema, reúne restos de histórias dispersas e os revolve como escritor e como químico, de modo que a concretude e a concisão deste acaba por caracterizar aquele.

A relação entre a química e o ato de narrar é explicitada pelo narrador ao final do livro, quando arrisca uma definição para seu empreendimento de escrita: para ele, seu livro-sistema não é um tratado de Química, tampouco uma autobiografia, “senão nos limites parciais em que é autobiográfico todo e qualquer escrito, aliás, toda e qualquer obra humana”.¹² Seu livro é uma “história”:

É, ou queria ser, uma micro-história, a história de um ofício e das suas derrotas, vitórias e infelicidades, que desejamos contar quando sentimos que está próxima a conclusão do círculo da nossa própria carreira e a arte já não é longa. Chegado a esta altura da vida, qual é o químico que, diante da Tabela do Sistema Periódico ou dos monumentais índices do *Beilstein* ou do *Landolt*, não reconhece dispersos os tristes farrapos ou os troféus do próprio passado profissional? Basta folhear um tratado qualquer e as memórias surgem em catadupa.¹³

¹⁰ CALVINO, 2007, p. 1137.

¹¹ BENJAMIN, 2009, p. 239.

¹² LEVI, 2013, p. 283.

¹³ LEVI, 2013, p. 283.



O sistema periódico é, portanto, um livro que surge de outro livro – do resíduo de outro livro, do que sobrou – em ambos os sentidos do sobrar, aquilo que excede e aquilo que ficou – dos tratados e manuais que outrora usou o narrador e que na escrita se faz presente como memória. Da química, fica a literatura, que é o resto e o sobejo daquela. No quadriculado tabela periódica, o narrador vê tanto os farrapos como os troféus de uma vida marcada pela química, e, para dispô-los no texto escrito, além de colecionador, deve ser também arqueólogo e “agir como um homem que escava” o passado, não dispensando “a enxadada cautelosa e tateante na terra escura”.¹⁴

O fragmento que dá início ao livro é dedicado ao árgon, primeiro gás nobre descoberto e que pode ser encontrado no estado gasoso em temperatura ambiente. O narrador se vale das características desse elemento para apresentar a história de seus antepassados, e aquela “luta contra a dispersão”, aqui, se dá também pela condição de constante exílio que marcou muitas das comunidades judaicas, inclusive os ascendentes do escritor:

O pouco que sei sobre os meus antepassados aproxima-os deste gás [o árgon]. Nem todos eram materialmente inertes, porque isso não lhes era permitido: eram, pelo contrário (ou tinham de ser), suficientemente ativos para ganhar a vida e respeitar uma certa moralidade que dominava e segundo a qual “quem não trabuca, não manduca”. Mas eram, sem dúvida, inertes no seu íntimo, habituados à especulação desinteressada, ao discurso sutil, à discussão elegante, sofisticada e gratuita. Não será por acaso que os atos que lhe foram atribuídos, embora de natureza vária, têm em comum qualquer coisa de estático, uma postura majestosa de abstenção, de submissão voluntária (ou resignada) às margens do grande rio da vida. Nobres, inertes e raros, a sua história é bastante pobre se comparada com a de outras ilustres comunidades hebraicas da Itália e do resto da Europa.¹⁵

Vindos da Espanha através da Provença, os antepassados do narrador chegaram no Piemonte por volta de 1500. Segundo informa o fragmento, não foram bem aceitos em Turim e acabaram se instalando em vários lugarejos do sul da região, introduzindo ali a tecnologia da seda. A relação com a cristandade foi de um “repúdio recíproco”, “reproduzindo, ainda que numa escala provinciana e com um fundo pacificamente bucólico, a situação épica e bíblica do povo eleito”.¹⁶ Narram-se nesse fragmento, com um destaque especial para a questão linguística, as tristes e

¹⁴ BENJAMIN, 1995, p. 239.

¹⁵ LEVI, 2013, p. 12.

¹⁶ LEVI, 2013, p. 13.



insólitas histórias dos antepassados do narrador, muitos dos quais considerados personagens míticas por várias gerações, como o tio Barbabramín, que, por causa de um amor não permitido com uma criada, “permaneceu na cama durante quase um quarto de século”, “morreu pobre, mas rico em anos e em fama, e em paz de espírito, em 1883”.¹⁷

Nesse fragmento, os tios, avós e primos são considerados pelo narrador como gases “nobres, raros e inertes”, mas há outra personagem que também faz jus a essa alcunha: a língua, tanto o hebraísmo da Diáspora, quanto a gíria criada para falar dos gentios em presença deles, ou “para responder, ousadamente, com injúrias e maldições imperceptíveis, ao regime de clausura e opressão por eles instaurado”, gíria, portanto, com uma “função de subterfúgio e dissimulação”, quase desaparecida, cujos vocábulos reuniam radicais hebraicos com terminações e flexões piemontesas. É esta língua e também a “fala bizarra” daqueles que já nasceram na Itália, “fala cética e ingênua”, que não deixa de ter um “cunho de humilhação”, mas também um bom número de palavras insultuosas, que o narrador quer “recordar” para que não desapareçam por completo. Por sua força semântica e tão representativa é que essas linguagens, assim como seus falantes, são “nobres, raras e inertes” para o narrador.¹⁸

A partir do segundo capítulo, as histórias se referem a experiências de químico do narrador: em “Hidrogênio”, narram-se os experimentos químicos realizados ainda quando era estudante secundarista, juntamente com o amigo Enrico. Nesse momento os dois não tinham dúvidas que seriam químicos, mas enquanto Enrico queria a química para dela tirar seu sustento e ter uma vida segura, o narrador via nela “uma nuvem indefinida de potências futuras, que enfaixava o meu futuro em negras volutas manchadas de esplendor, como a que ocultava o Monte Sinai. Tal como Moisés, eu esperava dessa nuvem a minha lei, a ordem em mim, à minha volta e no mundo”.¹⁹ A partir de uma relação com a escritura bíblica, o narrador autobiográfico de Levi vê já na adolescência a importância da química em sua vida: além lhe dar o sustento, salvá-lo de Auschwitz, como declarou várias vezes, ela seria a sua lei – praticamente tudo o que fez e que escreveu esteve inevitavelmente ligado a ela.

“Zinco” apresenta-nos o retrato de uma Itália nos primórdios da campanha antissemita em que os judeus foram comparados a impurezas que deviam ser expurgadas da sociedade italiana. O comportamento do elemento químico leva à seguinte análise:

Nos fascículos estava escrito um pormenor que à primeira leitura me escapara: o terno e tão delicado zinco, sempre tão

¹⁷ LEVI, 2013, p. 29.

¹⁸ LEVI, 2013, p. 18.

¹⁹ LEVI, 2013, p. 34-35.



condescendente diante dos ácidos, adquire um comportamento bastante diferente quando é muito puro. Então, resiste obstinadamente à mistura. Daqui, poder-se-iam tirar duas conclusões filosóficas contrastantes entre si: o elogio da pureza, que protege do mal como um escudo; o elogio da impureza, que dá acesso às transformações, ou seja, à vida. Eliminei a primeira, desgostosamente moralista e demorei-me a considerar a segunda que me parecia mais agradável. Para que a roda gire, para que a vida viva, são necessárias as impurezas, e as impurezas das impurezas. Como se sabe, servem para tornar os terrenos mais férteis. É preciso o diferente, o divergente, o grão de sal e o grão de mostarda. O fascismo recusa-os, proíbe-os e por isso tu não és fascista; quer todos iguais e tu não és igual. Mas nem sequer a virtude imaculada existe e, se existe, é detestável.²⁰

Nesse momento, ele decide misturar ao zinco o ácido sulfúrico, a partir de uma solução de sulfato de chumbo, utilizado como reagente, e mais uma vez a química, a ciência das matérias, torna-se potência para discussão de assuntos que envolvem o homem e químico judeu que foi Levi, como a política nazista de pureza racial na Alemanha. A impureza, tão necessária na química e na vida, conforme argumenta o narrador, se estende ao livro que o escritor-químico publica na véspera de se retirar do universo da química para se dedicar apenas à literatura, livro que é ao mesmo tempo ficção, memória, ensaio e escrito sob o título e a moldura do sistema periódico de Mendeleev. A impureza, portanto, está no homem, na ciência e na literatura, e certamente contribuiu para que o livro de Levi fosse premiado como o melhor livro de ciência da renomada Royal Institution of Great Britain, em 2006.

No capítulo que tem como título “Ferro”, a narrativa se refere ao momento em que a Itália ocupara a Albânia e “a precaução da catástrofe iminente condensava-se como um orvalho viscoso nas casas e nas ruas, nos discursos cheios de cautelas e nas consciências adormecidas”.²¹ O protagonista aqui é o amigo Sandro e o laboratório de Análise Qualitativa do segundo ano, onde era preciso agir com exatidão ao definir por meio de um sim ou não os metais presentes nas substâncias dispostas pelo Professor D. Se para o aluno do Instituto de Química fora complicado muitas vezes enfrentar a matéria e deliberar sobre ela, o narrador, anos mais tarde, não hesitou em definir a que colega de turma dedicaria o “ferro” de seu sistema periódico. Ele mereceu a alcunha não só porque certa vez pronunciou em alto e bom tom, rompendo o silêncio da sala fria, “*Nuntio vobis gaudium magnum. Habemus ferrum*”,

²⁰ LEVI, 2013, p. 48-49.

²¹ LEVI, 2013, p. 53.



mas porque “parecia feito de ferro”, pronto para qualquer aventura que o colocasse verdadeiramente em confronto com a matéria.

O narrador aproximara-se de Sandro quando as leis raciais foram proclamadas e os colegas, assim como os professores, se afastaram. Sandro era o taciturno da turma e entre eles os dois começou a nascer uma convivência proveitosa para ambos: foi com Sandro que o narrador aprendera lidar com outros elementos – o gelo e a pedra das montanhas:

Nasceu um sodalício e começou para mim uma época frenética. Sandro parecia feito de ferro e estava ligado ao ferro por um antigo parentesco: os pais dos seus pais, contou-me, haviam sido ferreiros (‘magnín’) e operários (‘fré’) dos vales canavesanos; fabricavam pregos na forja a carvão, arqueavam as rodas dos carros com o arco a escaldar, batiam na laje até ficarem surdos; e, ele próprio, quando reconhecia na rocha a veia do ferro, parecia que encontrava um velho amigo. Quando o inverno era muito frio, atava os esquis à bicicleta ferrugenta, partia de manhã muito cedo e pedalava até a neve, sem dinheiro, com uma alcachofra num bolso e o outro cheio de verdura. Voltava à noite ou no dia seguinte, depois de ter dormido nos palheiros; e, quanto mais tormento e fome passava, mais feliz se sentia e melhor estava de saúde.

[...]

Interessava-lhe, isso sim, conhecer os seus limites, medir-se e aperfeiçoar-se; mais obscuramente, sentia a necessidade de se preparar (e de me preparar) para um futuro de ferro, cada dia mais próximo.²²

Sandro ensinou o narrador a explorar a matéria, não aquela circunscrita ao espaço do laboratório, mas a que se encontra na natureza e no que há de mais duro dela. É no capítulo dedicado a Sandro que a química e a literatura são comparadas de forma mais íntima. Isso se dá em dois momentos: primeiro quando o narrador explica ao amigo que, muito mais que uma organização de elementos, a tabela periódica é uma maneira de compreender o universo, “uma poesia, mais alta e mais solene do que todas as que [haviam] lido no liceu, e pensando bem, até rimava”;²³ e depois, no final do capítulo, ao usar a palavra escrita para agradecer o amigo por ter lhe preparado, com as constantes aventuras nas montanhas, para os tempos mais duros que viriam depois, os tempos do campo de concentração:

²² LEVI, 2013, p. 60.

²³ LEVI, 2013, p. 58.



Era isto a carne de urso; e agora, que já passaram muitos anos, lamento ter comido tão pouca, porque, de tudo o que a vida me deu de bom, nada teve, nem mesmo de longe, o sabor daquela carne que é o sabor de sermos fortes e livres, livres até de errar e donos do próprio destino. Por isso, estou grato a Sandro por me ter metido conscientemente nas desgraças, naquela e noutras empresas só aparentemente insensatas, pois tenho a certeza de que mais tarde, me serviram de muito.²⁴

De todos os capítulos do livro, é neste que o narrador de Levi chega a penetrar mais fundo a matéria, no caso o ferro, elemento de que o amigo e ele próprio foram feitos. Aqui a literatura e a química, por meio da memória, concorrem juntas para dar sepultura a Sandro, que, capturado e morto pelos fascistas quando lutava como partigiano, teve o corpo abandonado no meio da rua durante muito tempo. É no livro de Levi que a história do amigo, homem de poucas palavras, que “dizia apenas o essencial”,²⁵ se dá a ler para a posteridade e contra o esquecimento que os regimes totalitários tentaram impor a muitos combatentes de movimentos de resistência.²⁶

A maioria dos capítulos, assim como “Ferro”, refere-se a químicos com quem o narrador conviveu, e a personalidade e o comportamento desses homens são narrados segundo as propriedades dos elementos – mais resistente, menos flexível, mais generoso. Em alguns poucos o elemento não é metáfora, mas objeto de uma experiência tomada como importante na carreira do narrador. No capítulo final, contudo, torna-se personagem: narra-se o percurso de um átomo de carbono ao longo de milhões de anos, inicialmente preso num sedimento de rocha calcária, sua participação constante na fotossíntese, até sua chegada ao cérebro do narrador-escritor.

Para o narrador, cada elemento químico diz algo a alguém, com exceção, talvez, do carbono, “que diz tudo a todos”.²⁷ O carbono está presente em todas as formas de vida e por muitos motivos também se associa à morte, é o “destino último de cada

²⁴ LEVI, 2013, p. 67.

²⁵ LEVI, 2013, p. 62.

²⁶ Sandro Delmastro foi também homenageado pela Associazione Nazionale Partigiani d'Italia (ANPI), tendo recebido postumamente a Medaglia d'Argento al Valor Militare. No *site* da associação, no texto de descrição biográfica, o capítulo “Ferro”, de Levi, é citado e, ao final, pode-se ler: “O cadáver do partigiano assassinado foi deixado por horas na rua e depois levado em um carrinho da limpeza urbana.” Disponível em: <http://www.anpi.it/donne-e-uomini/790/sandro-delmastro>. Acesso em: 10 mar. 2017.

²⁷ LEVI, 2013, p. 284.



carne.²⁸ Ao contar a história de um átomo carbono, o narrador materializa em palavra “seu primeiro sonho literário”, “insistentemente sonhado numa altura e num lugar em que a [sua] vida tinha pouco valor”,²⁹ durante o tempo em que trabalhou como químico no laboratório em Auschwitz. Ao final do conto, o átomo de carbono que o narrador toma como personagem entra, por meio de um copo de leite, em uma célula de seu cérebro e, tal qual deu início à escrita do livro, também põe fim a ele. O ato de escrever, portanto, não dispensa a química, pelo contrário, só é possível por meio dela, assim como foi a literatura para Levi:

Esta célula pertence a um cérebro, e este cérebro é o meu, de mim que escrevo, e a célula em questão, e nela o átomo em questão, é dedicada à minha escrita, num gigantesco-minúsculo jogo que ninguém ainda descreveu. É a que neste instante, fora de um entrançado labiríntico de sim e de não, faz com que a minha mão corra por um certo caminho do papel, o assinale com estas manchas que são sinais; um duplo salto, para cima e para baixo, entre os dois níveis de energia leva esta minha mão a colocar sobre o papel este ponto: este.³⁰

Com esse parágrafo, encerra-se o sistema periódico de Levi. Dos primeiros contatos com os elementos que formam o Universo, chega-se à escrita, atividade que ele desenvolveu com muito tempo paralelamente àquela para a qual se formou na universidade. A química, para Levi, vai além do exercício de um ofício; ela se mostra intrínseca ao homem que precisou enfrentar, como se fosse feito de ferro, os horrores da guerra e escrever suas memórias. *O sistema periódico* propõe uma fricção entre dois saberes, a química e a literatura, que, ao se apresentarem juntos, como em uma enciclopédia, mostram ao mesmo tempo seu poder de transformação e sua fragilidade enquanto saberes, os quais são postos em dúvida, questionados em seu recôndito disciplinar para dar lugar à memória fragmentada de um sobrevivente de Auschwitz.

Referências

BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: _____. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 237-246.

²⁸ LEVI, 2013, p. 288.

²⁹ LEVI, 2013, p. 288.

³⁰ LEVI, 2013, p. 293.



BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In: _____. *Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 239-240.

CALVINO, Italo. Primo Levi, *La ricerca delle radici*. In: _____. *Saggi: 1945-1985*. 4ª ed. Milano: Mondadori, 2007. v. 1. p. 1133-1137.

CALVINO, Italo. *L'altrui mestiere* di Primo Levi. In: _____. *Saggi: 1945-1985*. 4ª ed. Milano: Mondadori, 2007a. v. 1. p. 1138-1141.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LEVI, Primo. *L'altrui mestiere*. 10ª ed. Torino: Einaudi, 2015.

LEVI, Primo. *O sistema periódico*. Trad. Maria do Rosário Pedreira. Lisboa: Teorema, 2013.

POMBO, Olga. O projecto enciclopedista. In: POMBO, Olga; GUERREIRO, António; ALEXANDRE, António Franco (Org.). *Enciclopédia e hipertexto*. Lisboa: Duarte Reis, 2006. p. 180-193.

POMBO, Olga. Para uma história da ideia de enciclopédia: alguns exemplos. In: POMBO, Olga; GUERREIRO, António; ALEXANDRE, António Franco (Org.). *Enciclopédia e hipertexto*. Lisboa: Duarte Reis, 2006a. p. 194-251.

Recebido em: 21/02/2017.

Aprovado em: 23/03/2017.